
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil



Revista Cocar. Edição Especial N.22/2023, p.1-15

ISSN: 2237-0315

Dossiê: Educação e Práticas Comunitárias

Quando as saídas moram nas palavras *educação* e *comunidade*: reflexões [bakhtinianas] sobre teatro, prisão e pandemia

When the answers are in the words education and community: [Bakhtinian] reflections on theater, prison, and pandemic

Jean Carlos Gonçalves
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Curitiba-Brasil

Resumo

O artigo propõe reflexões sobre teatro, prisão e pandemia, tendo como disparador poético um caderno de atividades disponibilizado a mulheres em situação de privação de liberdade durante o período de isolamento por conta do vírus Covid-19. Com sustentação teórico-metodológica nos estudos de Bakhtin e o Círculo, o texto busca mobilizar os sentidos das palavras *educação* e *comunidade*, discutindo, no espectro do que se compreende por relações dialógicas, as noções de verbo-visualidade, esfera/campo e comunicação estética. Os resultados demonstram as potencialidades do referido projeto, apontando, especialmente suas relações com a imprevisibilidade no campo da pesquisa e da prática em educação, e sinalizam a urgência da realização e análise de processos nos quais educação e comunidade estejam envolvidos.

Palavras-chave: *Educação; Comunidade; Teatro na prisão.*

Abstract

The article proposes reflections about theater, prison, and the pandemic, having as a poetic trigger an activity book made available to women in a situation of deprivation of liberty during the period of isolation due to the Covid-19 virus. With theoretical-methodological support in the studies of Bakhtin and the Circle, the text seeks to mobilize the meanings of the words *education* and *community*, discussing, in the spectrum of what is understood by dialogical relations, the notions of verb-visibility, sphere/field, aesthetics communication. The results demonstrate the potential of this project, highlighting, especially its relationships with unpredictability in the field of research and practice in education, and signal the urgency of carrying out processes and analytics in which education and the community are involved.

Keywords: Education; Community; Theater in prison.

Introdução

O presente trabalho, de cunho ensaístico, tem como objetivo provocar reflexões sobre as relações entre teatro, prisão e pandemia, tendo como disparador poético das discussões um caderno de atividades disponibilizado a mulheres em situação de privação de liberdade durante o período de isolamento em decorrência da crise global instalada por conta do vírus Covid-19. O artigo está dividido em três partes. Esta primeira, que introduz o tema ao leitor, é seguida de um texto mais amplo que mobiliza conceitos e noções que aproximam a confecção do caderno de uma ação situada na fronteira entre *educação* e *comunidade*. Finalizamos com considerações nunca postas como limitantes, já que compreendemos que um trabalho inserido no escopo temático *Educação e Práticas Comunitárias* pode se estabelecer, mais do que um exemplo, como possibilidade de ampliação do que se sabe hoje sobre fazeres, saberes e coletividades.

Uma pergunta plausível para este início, e que pode, talvez, mediar a leitura deste texto é: onde moram as saídas possíveis quando nos vemos impedidos de realizar ações previstas em projetos, planos e programas que envolvem a *educação* e a *comunidade*?

Conforme informado na descrição de divulgação na página da Hucitec Editora, *Das saídas que moram nas palavras: caderno de atividades* se configura como uma proposição artístico-pedagógica que surge de uma parceria entre os Programas de Extensão *Pedagogia do Teatro e Processos de Criação* e *Entre Livros, tipos e desenhos: interlocuções da cultura gráfica*, ambos do Centro de Artes, Design e Moda da UDESC – CEART/Universidade do Estado de Santa Catarina, localizado em Florianópolis –SC.

O primeiro, coordenado pelo professor Vicente Concilio, tem como objetivo levar oficinas de teatro para lugares sem ou com pouco acesso e desenvolver ações a partir da relação entre teatro e prisão. O programa é vinculado ao projeto de pesquisa *Infiltrações das artes cênicas nos espaços de privação de liberdade*, que realiza pesquisas dentro do Presídio Feminino de Florianópolis, investigando processos artístico-pedagógicos. A proposta, iniciada em 2017, consiste em aulas de iniciação ao teatro e construção artística, que funcionam no formato de oficinas (atividade educacional complementar) para mulheres privadas de liberdade.

Já o segundo, coordenado pela professora Anelise Zimmermann, promove atividades de cunho interdisciplinar envolvendo os Livros, a Tipografia e o Desenho como expressão cultural, comunicacional e artística, através da promoção do diálogo entre área

e diferentes públicos, integrando a universidade, professores, pesquisadores, técnicos e alunos à *comunidade*. O Programa é parceiro do Instituto Casa Cleber Teixeira (Acervo da Editora Noa Noa) e da Biblioteca Cleber Teixeira, que se constituem enquanto espaços abertos à *comunidade* para a troca de conhecimentos teóricos e práticos sobre cultura gráfica.ⁱ

Com concepção, organização e redação de Vicente Concilio e Caroline Vetori, o caderno, que conta com distribuição gratuita e também está disponível em formato digital no site da Hucitecⁱⁱ, se constitui enquanto demonstração prática da relação mais que possível entre *educação* e *comunidade*. Seu primeiro texto contextualiza a necessidade de uma alternativa viável para a continuidade do trabalho com a pedagogia do teatro no presídio:

Desenvolvemos este caderno de atividades para abrir um espaço de encontro consigo e entre nós. [...] Esperamos que esse caderno seja também um alento nesses tempos, uma possibilidade de autopercepção e autocuidado, um espaço de expressão, de criação e de fazer arte. [...] Nossa vontade era criar pessoalmente com você, mas enquanto não pudermos, vamos compartilhando essas páginas, palavras, imagens e emoções (CONCÍLIO, VETORI, 2022, p. 1).

Vale lembrar que, em contraposição a outros públicos e contextos educacionais, nos quais as práticas artístico-pedagógicas em teatro puderam ser reconfiguradas em sua transposição para o ambiente tecnológico e/ou remoto, o ambiente prisional não disponibilizava a possibilidade de acesso aos ambientes virtuais.

Ao propor um diálogo artístico e poético com mulheres que estão privadas de liberdade, o caderno mobiliza, ao mesmo tempo, o conceito de leitura, considerando o próprio ato de ler como diálogo com os organizadores e sua relação com o literário, e também a escrita, esta como possibilidade de resposta performativa aos convites que ali estão impressos. Nesse movimento de discursos que vão e vêm, já se estabelece um importante acordo entre autoria e recepção, muito próximo daquele desejado pelo teatro: a comunicação imediata com um público que se expressa.

A partir de uma hipótese que tem como premissa a geração de um material que possa escutar essas mulheres, e fazer suas vozes ecoarem, o caderno parece conseguir atingir um ideal muito discutido em contextos educacionais e comunitários, que é o de uma relação saudável e dialógica (aqui, aos moldes freireanosⁱⁱⁱ) entre docentes e discentes (no caso aqui estudado, entre os propositores da ação e o público para o qual direcionam uma

materialidade verbo-visual, cujo conceito será discutido adiante). Tal relação apresenta um caráter sensível e é repleta de sentidos que extrapolam sua própria esfera de produção, circulação e recepção.

Destacamos que este trabalho não pretende se constituir enquanto análise crítica ou discursiva do caderno, e sim como um texto que possa provocar reflexões tanto de cunho teórico quanto prático, a partir do entrelaçamento de sentidos da/na triangulação teatro, pandemia e prisão, e sua vinculação ao escopo temático *educação e comunidade*. Para tanto, discutimos, no espectro do que se compreende por relações dialógicas, as noções de verbo-visualidade, esfera/campo, comunicação estética e cronotopo.

As saídas podem estar nas relações entre *educação e comunidade*?

Das saídas que moram nas palavras: caderno de atividades [capa]



Fonte: <https://lojahucitec.com.br/produto/das-saidas-moram-palavras-vice-concilio-caroline-vetori/>

A escolha desse caderno para análise nesse estudo foi baseada em dois critérios, a saber: 1) a inexistência de outros materiais dessa natureza, confeccionados no cronotopo pandêmico e direcionado ao trabalho em prisões; 2) a articulação entre conhecimento e estética proposto pelo caderno, o que o difere de outras materialidades relacionadas ao campo da educação em teatro, especialmente por não se constituir como livro didático ou

manual de processos pedagógicos. Tais critérios se unem, metodologicamente, ao fato de que o autor desse estudo não teve contato com quaisquer práticas realizadas em todas as etapas, desde o projeto para a editoração do caderno até sua chegada ao ambiente prisional, fato que pode dar a análise um caráter singular, já que o diálogo se estabelece com esta materialidade, inicialmente por meio de uma curiosidade de pesquisa e de forma sequencial, pelo mergulho científico na obra analisada.

Quanto à inserção deste trabalho na literatura vigente sobre o tema, não seria possível, no recorte desse artigo, discutir as pesquisas publicadas na esteira do amplo escopo que se estabelece no diálogo entre teatro, prisão e processos educativos. Importa destacar, no entanto, um intenso trabalho desenvolvido no âmbito da área de pedagogia das Artes Cênicas voltado a problematizar o tema e suas interfaces. No intuito de contextualizar o leitor, cabe citar duas importantes produções recentes: 1) O dossiê *Artes da Cena atrás das grades*, organizado por Ashley Lucas, Daiane Dordete e Vicente Concilio e publicado em 2020 na *Urdimento: Revista de estudos em Artes Cênicas* (EDITORIAL, 2020); 2) A publicação do livro *Teatro em prisões e a crise global do encarceramento*, de Ashley Lucas, traduzido por Vicente Concilio e publicado no Brasil pela Hucitec Editora em 2021 (LUCAS, 2021).

Em um artigo sobre o processo de criação do caderno de atividades, Vetori de Souza (2022) aponta que uma das potencialidades do projeto está nos questionamentos que podem romper com uma relação objetual e quebrar as imagens de controle a partir das palavras. Estas, consideradas, então, como saídas desse imaginário imposto. É aí que a proposta justifica uma linguagem verbal e visual transpassada por fabulação e humanidade. Esta linguagem permite, por exemplo, o acesso, por essas mulheres, a excertos de autoras que já vêm trabalhando em uma perspectiva de autoria vinculada a processos em que elas possam se tornar narradoras e escritoras de suas próprias realidades, autoridades que ocupam seus espaços, como aponta Vetori de Souza ao recorrer aos escritos de Kilomba (2020).

Cabe, então, uma reflexão sobre o alcance de um trabalho realizado como alternativa possível para um determinado público, como é o caso deste caderno de atividades, cuja proposta foi dialogar com mulheres privadas de liberdade no contexto de isolamento em virtude da pandemia de COVID-19, e suas reverberações para outros contextos, especialmente educacionais. Nesse sentido, este artigo procura vincular uma

ação específica e contextualizada às suas próprias potencialidades enquanto materialidade, como, por exemplo, a possível utilização do caderno em outros contextos educacionais e comunitários, sejam eles de ensino de teatro ou não. Aqui, vale ressaltar o aspecto pedagógico da ação proposta, pois, pelo seu caráter absolutamente sinestésico e sensorial, ela consegue alcançar outros públicos, de diferentes idades e em múltiplos processos de formação.

Merece um parágrafo o fato de nosso interesse pelo caderno ter se dado de forma bastante inusitada, no trabalho com disciplinas ligadas à linguagem, corpo, cultura e estética na formação superior. A título de exemplificação, nosso primeiro contato com as práticas propostas no caderno foi realizado com estudantes de Comunicação Institucional e Gestão Pública, cursos de graduação da Universidade Federal do Paraná, onde atuamos na docência. Atestamos, desse modo, uma viabilidade paradoxal da aplicação dos exercícios constantes do caderno, que extrapolam o ensino de teatro, o contexto prisional e o período pandêmico, o que se configura como uma rede expandida de probabilidades quando estamos diante de um projeto verbo-visual que carrega essa força e energia.

Tomamos como princípio norteador e conceitual para este artigo, a noção de relações dialógicas, tanto para estabelecer possibilidades entre o estudo do caderno de atividades e sua contribuição para se pensar contextos outros e maiores, quanto para investigar de que forma as relações entre *educação e comunidade* se tornam eficazes justamente do ponto de vista desta contribuição. Assim, faz-se necessário recorrer aos estudos de Bakhtin e o Círculo^{iv}, para compreender que “as relações dialógicas são possíveis não apenas entre enunciações integrais (relativamente), mas o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significativa do enunciado [...]” (BAKHTIN, 2010, p. 210).

No projeto discursivo bakhtiniano, o texto é considerado tanto como objeto de significação como objeto de comunicação, sendo que a concepção de texto está atrelada à noção de enunciado, no qual as abordagens internas e externas da linguagem se conciliam.

Enquanto enunciado, o texto produzido por alguém e dirigido a um outro numa situação dada, é individual, único e não reprodutível. Este polo não o articula com os elementos reprodutíveis do sistema, mas com outros textos (não reprodutíveis), numa relação dialógica. Este polo só se revela na cadeia de textos e é aí que se produz o sentido (AMORIM, 2004, p.189).

A perspectiva dialógica pressupõe que os conceitos centrais desenvolvidos por Bakhtin e o Círculo, no conjunto de seus diversos trabalhos, permitem “pensar a linguagem em suas múltiplas manifestações, e, ao mesmo tempo, procedimentos teórico-metodológicos para analisá-la e interpretá-la em contextos específicos [...]” (BRAITa, 2012, p.10). É pela ideia do texto como enunciado concreto, constituído por discursos, ligado a uma autoria individual ou coletiva, que a esfera, o entorno, e os destinatários são considerados. É assim que a Análise Dialógica do Discurso (ADD) firma suas bases no pensamento bakhtiniano, e é esta perspectiva que sustenta o quadro teórico-metodológico deste trabalho.

Vale lembrar que pensar relações dialógicas a partir de tal matriz gera distanciamento, e muito, de perspectivas que aproximam o diálogo de sua associação à ideia de concordância ou harmonia, ou seja, Bakhtin, quando fala em arena, aponta para o embate de vozes que se dá em uma situação enunciativo-discursiva. Por isso, a análise de uma materialidade, seja ela verbal, visual, ou verbo-visual, como é o caso do caderno de atividades *Das saídas moram nas palavras*, precisa considerar a produção, circulação e recepção de modo não dissociado das lutas que se travam quando estão em voga projetos desse teor. Antes de aprofundarmos a discussão sobre esfera/campo/contexto, vale pensar a conceituação estabelecida, no âmbito da ADD, para o que se entende hoje por verbo-visualidade:

O termo verbal é compreendido tanto em sua dimensão oral quanto escrita e visual, abrange a estaticidade da pintura, da fotografia, do jornalismo impresso, e a dinamicidade do cinema, do audiovisual, do jornalismo televisivo etc. Nesse sentido, o que ganha relevo é a concepção semiótico-ideológica de texto que, ultrapassando a dimensão exclusivamente verbal reconhece verbal, verbo-visual, projeto gráfico e/ou projeto cênico como participantes da constituição de um enunciado concreto. Assim concebido, o texto deve ser analisado, interpretado, reconhecido a partir dos mecanismos dialógicos que o constituem, dos embates e tensões que lhe são inerentes, das particularidades da natureza de seus planos de expressão, das esferas em que circula e do fato que ostenta, necessariamente, a assinatura de um sujeito, individual ou coletivo, constituído por discursos históricos, sociais e culturais, mesmo nos casos extremos de ausência, indefinição ou simulação de autoria (BRAITb, 2012, p. 88, 89).

Nos parece importante dizer que a verbo-visualidade é um conceito enfrentado por Brait (2012b) a partir de sugestões e pistas encontradas na obra de Bakhtin e o Círculo, para a qual a dialogicidade se configura enquanto macro noção fundante, um guarda-chuva

epistemológico para os conceitos-chave que embasam esta teoria. Assumir uma proposição verbo-visual consiste em uma possibilidade de pensar o texto em suas múltiplas dimensões. Entre as camadas que compreendemos por visual, abrigam-se projetos discursivos de caráter estático ou dinâmico em perspectivas bi ou tridimensionais, e no conjunto do que se entende por linguagem verbal, cabem a escrita e a oralidade em suas diferentes facetas e nos diversos modos pelos quais aparecem nas cadeias de comunicação humana. Nem todos os textos são verbo-visuais, mas, em alguns, é perceptível a junção entre as dimensões (verbal e visual) que os constituem, como é o caso do caderno de atividades discutido neste trabalho, o que significa tomar a ideia de texto, então, por um ponto de vista semiótico-ideológico.

A concepção de texto, tal como defendida pelos pensadores bakhtinianos, implica a busca por uma compreensão do enunciado concreto como matriz que guia o olhar para os dados. “Qualquer fenômeno ideológico sógnico é dado em algum material: no som, na massa física, na cor, no movimento do corpo e assim por diante” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 94). Desse modo, o texto que circula em determinada esfera social/ideológica será sempre resultado de um encontro de vozes, de um embate de ideias e, por isso, dialógico.

Investigar como funcionam estes processos enunciativo-discursivos apresenta-se, assim, como um desafio aos tempos atuais; tempos de incertezas nunca antes tão reforçadas pelas lentes de aumento de uma crise política, sanitária e existencial. Enquanto formatos e plataformas antes desconhecidos ou pouco acessados chegam às nossas casas em uma velocidade que ainda nos é estranha e distante, qual a importância de um caderno na modalidade impressa, repleto de uma estética imagética e palavreado que parece até se distanciar da realidade tecnológica e digital do mundo pandêmico? Mesmo a versão online do material preserva a artesanaria gráfica das folhas viradas uma a uma, movimento este capaz de promover, de forma delicada e sutil, uma sensibilidade aliada ao que se concebe hoje por *educação* estética.

Para cumprir a rota prometida ao leitor, retornamos ao isolamento social. Lembremos, por exemplo, o que foi esse período e como ele se transformou, para além de um processo desigual de autocuidado, em uma estratégia de usos políticos, econômicos e sociais.

A pandemia de COVID-19, decretada no dia 11 de março de 2020, impôs, como sabemos e vivenciamos, uma série de protocolos que foram, aos poucos, se revelando

partícipes de nossa existência. Entre eles, o que parece mais ter afetado nossa forma de comunicação com o mundo, está aquele que denominamos isolamento social. Para Van Hoof (2020), o confinamento se constitui hoje como o maior experimento psicológico do mundo, devido ao seu caráter desafiador e, especialmente, por colocar em prova a capacidade humana de produzir sentidos a partir do sofrimento e da sensação de frustração.

A prática do isolamento social tem causado muitas polêmicas no país, uma vez que algumas autoridades mostram-se céticas quanto à sua eficácia. O fato é que a maior parte dos tomadores de decisão optaram por incentivar essa medida, adotando estratégias de controle da mobilidade da população, como o fechamento de escolas e universidades, do comércio não essencial, e de áreas públicas de lazer etc.^v.^{vi} Como resultado, grande parte da população brasileira apoiou e aderiu ao movimento do isolamento social com o objetivo de se prevenir da COVID-19 e de colaborar com a atenuação da curva de contágio no país (BEZERRA, SILVA, SOARES, SILVA, 2020, s/p).

Nesse contexto, a relação entre *educação* e *comunidade* foi prejudicada em algum sentido, bem como, e em especial, os projetos que abrigavam atividades práticas e presenciais. Por isso, a justificativa para a criação de um caderno de atividades descrita anteriormente se desvela como uma importante ação no sentido de *continuar, manter, fortalecer*, verbos estes unidos a um coro de educadores que se viram obrigados a reconfigurar suas metodologias de trabalho, seus modos de estruturar e realizar aulas e, no caso dos presídios, lidar com a impossibilidade de contato virtual com pessoas privadas de liberdade.

Por isso, o título desse artigo ecoa para além do universo prisional e se estende ao campo de inúmeros projetos na esteira das relações entre *educação* e *comunidade*, que tiveram que se adaptar à nova realidade imposta abruptamente e coletivamente.

Nesse ponto, uma importante reflexão de uma das autoras do caderno pode nos auxiliar a compreender a esfera de produção enunciativo-discursiva desta materialidade:

Sobre resistência, também, faz-se importante explicitar novamente que nossa prática se dá através da relação entre universidade e cárcere. As universidades públicas brasileiras têm atuado dentro do ambiente prisional, como é o nosso caso, com o desenvolvimento de pesquisas diversas que lançam um olhar crítico à instituição, assim como através de plurais e frutíferas ações de extensão que fissuram os ditames do sistema punitivista (VETORI DE SOUZA, 2022, p. 12).

Aqui, importa pensar a força estética que se estabelece nos entremeios das ações realizadas entre universidade e povo. O próprio sentido de multidão, ou de coisa pública, ganha novos contornos quando se entende que as palavras *educação* e *comunidade* são, sim, signos que representam saídas quando o que se vê pela frente parece um emaranhado de placas com o imperativo PARE. A obrigatoriedade de adaptação da própria docência no período pandêmico se mostrou, de algum modo, como uma pequena mostra das conexões que se fizeram urgentes entre o que estava lá e aqui. Este *lá* e este *aqui* podem ser lidos de vários modos. Onde está a *educação*? Lá ou aqui? Onde e de que maneiras se faz *educação*? Com quem? E onde está a *comunidade*? Lá ou aqui? Em que espaços os agentes que vivem nos contextos da *educação* e da *comunidade* se encontram? Como constroem diálogos efetivos e frente a frente?

Tais perguntas certamente não encontrarão respostas fáceis, nem mesmo no caderno em questão. Mas nele, elas podem encontrar, ao menos, saídas, fugas, brechas de escape a um sistema que ainda não une, como deveria, o universo da *educação* ao universo da *comunidade*. É aí que uma nova recorrência à Bakhtin nos parece útil:

[...] o ser da expressão é bilateral: só se realiza na interação de duas consciências (a do eu e a do outro); a penetração mútua com a manutenção da distância; é o encontro de duas consciências, a zona do contato interior entre elas (BAKHTIN, 2011, p. 396).

Ao compreender que é tão somente pela perspectiva do desejo de encontro que alguns projetos educacionais e comunitários continuam, se mantêm e permanecem mesmo diante dos infortúnios, que podemos reconhecer no caderno, em sua própria concepção e apresentação, traços de um provocativo convite ao diálogo. A partilha, tão impulsionada no campo teatral, ressoa nas páginas coloridas e tocantes como uma voz que clama por respostas, e é justamente nesse princípio que se baseia a interação humana. Em termos bakhtinianos, é o outro que nos constitui e, por isso, precisamos dele, de sua voz, de seu verbo-existir. A comunicação vira, assim, premissa e caminho. Ou, talvez, saída.

Das saídas que moram nas palavras [p. 20]



Fonte: <https://lojahucitec.com.br/produto/das-saidas-moram-palavras-vice-concilio-caroline-vetori/>

O traço característico da comunicação estética consiste justamente em esgotar-se por completo na criação da obra artística e nas suas recriações constantes mediante a contemplação cocriativa, sem necessidade de outras objetivações. No entanto, é claro, essa forma peculiar de comunicação não é isolada: ela participa do fluxo único da vida social, reflete em si a base econômica comum, interage e troca forças com outras formas de comunicação (VOLÓCHINOV, 2019 [1926], p. 116,117).

A essência estética do caderno e seu alcance comunicacional encontram, na relação proposta, meios de existência e sobrevivência mesmo com a ausência de reuniões físicas ou virtuais. A saída se mostra pelas frestas do processo criativo que resiste em forma de verbo-visualidade. Esperamos que esse texto desperte no leitor a vontade de acessar o jogo de palavras e imagens que compõe o trabalho *Das saídas que moram nas palavras*, e se sintam, também, convidados à interação. Aí está a importância do registro de processos educacionais e comunitários e sua divulgação em diferentes plataformas. No caso do caderno, mais do que gerar visibilidade às ações realizadas, a produção de um material gratuito nos formatos físico e digital distribuído e acessado gratuitamente possibilita sua

inserção, como exemplificamos anteriormente, em outros e diversos contextos e com uma diversidade de públicos.

Considerações finais

A confecção do caderno de atividades, que foi foco desse estudo, só se tornou possível por conta de uma convergência de elementos vinculados ao tempo e ao espaço que, juntos, formaram o palco de uma série de situações e ações que envolveram, entre outras, as seguintes palavras: teatro, prisão, pandemia, isolamento, universidade, desejo de continuidade, projetos, extensão, pessoas, mulheres, relações, *educação*, *comunidade*. Palavras estas que, assim mesmo, desordenadas e entre vírgulas, produzem sentidos para além do que significam no dicionário.

O exercício de análise proposto nesse artigo objetivou, mais do que se concentrar em aspectos formais ou de ordem linguística, proporcionar reflexões sobre as relações (humanas, científicas, artísticas) que se estabelecem quando estamos de diante de desafios e situações inusitadas ainda não experienciadas, como foi o caso do contexto pandêmico e suas consequências, dada a imprevisibilidade e a urgência por demandas outras, que não faziam parte das nossas rotinas. Para onde ir?

As saídas podem morar, então, nas palavras?

Sim. As saídas moram nas palavras porque elas não são apenas palavras, mas vida em movimento. Por isso, destacamos, durante todo esse texto, as palavras *educação* e *comunidade* em itálico. Pensando a centralidade desse tema, buscamos desenvolver um texto que pudesse, mais do que analisar um caderno de atividades, apontar as contribuições de um material de tal natureza (realizado a partir de uma parceria entre programas extensionistas), cujas reverberações podem interessar a diferentes áreas e sujeitos.

A saída encontrada por Vicente Concílio e Caroline Vetori para que um projeto desenvolvido com a marca das relações entre *educação* e *comunidade* pudesse sobreviver não é, certamente, a mesma encontrada por outros professores, em outros contextos. Na verdade, cada um de nós vai tentando encontrar saídas, ainda agora, passados os sustos maiores e no retorno (fragilizados e medrosos) às nossas salas de aula e outros contextos educacionais. Há luz, talvez, no fim do túnel. Mas o que fazer quando a alcançarmos? O que fazer para que as palavras *educação* e *comunidade* se tornem obrigatórias em nossos currículos, práticas e discursos?

O campo da educação, em seu amplo prisma de interesses e abordagens, precisa se reconectar, de algum modo, com as comunidades todas que o constituem, e tal tarefa se constrói mais no coletivo do que no âmbito das individualidades. O caderno analisado demonstra a força e a potência de um projeto comunitário realizado em meio a inúmeros desafios que se apresentaram a um tempo e a um espaço muito específicos e é essa a hipótese inicial motivadora desse estudo. Como conclusão, é possível atestar a importância de projetos que se situem entre o risco e a inovação, já que a realização de um trabalho desse perfil e abrangência implica o aventurar-se ao desconhecido. E o que se seria o processo educacional senão a relação entre o planejamento e a execução de tarefas, imbuído de surpresas, frustrações e sonhos?

Vale destacar que a escrita desse texto é, também, uma busca, um naufrágio em um mar de incertezas que permeiam a própria trajetória educacional de seu autor. Depois das saídas, o que vem?

Para onde vão as aves depois da tempestade? Para onde corre o rio depois das curvas?

Referências:

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. O discurso no romance. In: BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética (A Teoria do Romance)**. 6. ed. Trad. Aurora Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Nazário & Homero F. de Andrade. São Paulo: Ed. Hucitec, 2010, p.71 – 210.

_____. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BEZERRA, Anselmo C. et al. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, supl. 1, p. 2411-2421, Jun. 2020. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020006702411&lng=en&nrm=iso. Acesso em 28 mar. 2023.

BRAIT, Beth; SILVA, Maria Cecília Souza e (org.). **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012a.

Teatro, prisão e pandemia: quando as saídas estão na relação entre educação e comunidade

BRAIT, Beth. Construção coletiva da perspectiva dialógica: História e alcance teórico metodológico. FÍGARO R. **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2012b. p. 79-98.

CONCILIO, Vicente; VETORI, Caroline. **Das saídas que moram nas palavras**: caderno de atividades. São Paulo: Hucitec Editora, 2022.

EDITORIAL, Equipe. Editorial. **Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 3, n. 39, p. 1-3, 2020. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/19307> Acesso em: 10 out. 2023.

LUCAS, Ashley. **Teatro em prisões e a crise global do encarceramento**. Tradução: Vicente Concílio. São Paulo: Hucitec Editora, 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

VETORI DE SOUZA, Caroline. As saídas moram nas palavras? As saídas podem morar nas palavras? Escrita enquanto encontro com mulheres privadas de liberdade. **Revista da FUNDARTE**, [S. l.], v. 49, n. 49, 2022. DOI: 10.19179/rdf.v49i49.1081. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/1081> Acesso em: 23 mar. 2023.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

_____. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica [1926]. In: VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 32, 2019. p. 109-146

Agradecimentos

Ao CNPq, pelo apoio financeiro do projeto de pesquisa no qual este estudo se insere (Bolsa de Produtividade em Pesquisa – PQ2). À CAPES pelo apoio à publicação (Verba PROEX – Programas 6 e 7/excelência internacional). Ao PPGE/UFPR (Verba PROEX – Programas de Excelência), pelo apoio à publicação docente. À Mariana Nada (Hucitec Editora), pela disponibilização das imagens em alta definição. À Vicente Concílio e Caroline Vetori, por me apresentarem o caderno de atividades. Aos estudantes e docentes do curso de Gestão Pública da UFPR, que me mostraram horizontes possíveis nas relações entre *educação* e práticas comunitárias.

Notas

ⁱFonte:

https://www.udesc.br/ceart/noticia/udesc_ceart_lanca_livro_destinado_para_mulheres_em_privacao_de_liberdade_na_segunda-feira

ⁱⁱ O caderno está disponível para download neste site: <https://lojahucitec.com.br/produto/das-saidas-moram-palavras-vice-concilio-caroline-vetori/>

ⁱⁱⁱ O conceito de *relações dialógicas* será discutido mais adiante, porém, a partir da perspectiva bakhtiniana. Por isso, faz-se necessário pontuar que, neste caso, o caráter dialógico tem uma vinculação teórica com os estudos de Paulo Freire. Embora exista, ainda, pouca discussão a respeito do tema, há similaridades e divergências quanto à compreensão da dialogicidade no trabalho dos dois autores. Ambas as perspectivas e suas interfaces ou atritos merecem reflexões mais aprofundadas.

^{iv} Bakhtin e o Círculo ou estudos bakhtinianos ou pensamento bakhtiniano, é o conjunto de formulações teóricas advindas de um grupo de intelectuais russos que produziu um extenso legado científico sobre literatura, linguagem, cultura e arte desde o início do Século XX. Os autores mais conhecidos são Mikhail Bakhtin, Pavel Nikolaievitch Medviedév e Valentin Volóchinov.

Sobre o autor

Jean Carlos Gonçalves

Possui Pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL/PUC-SP-CNPq) e em Educação (PPGE/UNIVALI-PNPD/CAPES), Doutorado em Educação (UFPR), Mestrado em Educação (PPGE/FURB-PROSUP/CAPES), Bacharelado e Licenciatura em Teatro-Interpretação (FURB). Professor da área de Linguagem, Corpo e Educação na Universidade Federal do Paraná. Atua nos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFPR) e Letras - Estudos da Linguagem (PPGL-FURG/Universidade Federal do Rio Grande). Pesquisador do CNPq / Bolsa Produtividade. E-mail: jeancarlossgoncalves@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2826-3366>

Recebido em: 04/04/2023

Aceito para publicação em: 10/10/2023